

Jornalismo Opinitivo e ética: a influência na formação da opinião pública

Bruna Alves Teixeira¹
Vinicius Arthur Santos²
Elza Aparecida Oliveira Filha³

Introdução

As manifestações de junho de 2013 fizeram com que muitas mudanças fossem notadas no Brasil. Primeiramente o senso de cidadania do brasileiro que parecia outrora esquecido, o temor dos governantes em reação ao que o povo pode fazer e a mudança na forma de cobertura da grande imprensa desses eventos. Não só como ela mostrava, mas também os comentários nas colunas televisivas de alguns jornalistas ganharam muita repercussão.

Três nomes saltaram a vista de todos os brasileiros desde as jornadas de junho: Arnaldo Jabor, Rachel Sheherazade e Paulo Martins, o primeiro da Rede Globo e os dois últimos do SBT. Para analisar seus discursos em dois períodos distintos, partiremos dos pontos de vista de autores dos ramos do jornalismo e comunicação: Perseu Abramo, Claudio Abramo, Philippe Breton e Emerson Firmo de Castro da Silva.

Rachel Sherazade, que trabalhava numa filial do SBT e já dava suas opiniões em âmbito regional, foi levada pela emissora para o jornal nacional do grupo depois de opinar sobre o “verdadeiro significado do Carnaval”. Paulo Eduardo Martins é quem tem menor fama dos três, e trabalha na filial paranaense do SBT, a Rede Massa. Como em tempos de internet o mundo ficou menor, as opiniões extremamente críticas de Martins giraram o Brasil, elevando o status do jornalista paranaense a nível nacional e aproximando admiradores de diversas regiões. Na década de noventa, por forças políticas, Arnaldo Jabor teve que se afastar das produções cinematográficas e encontrou espaço na imprensa. No final de 1995 estreou como colunista do O Globo, e passou a fazer comentários para a Rede Globo com seu estilo irônico comentando sobre fatos da atualidade brasileira.

Esse espaço ganho pelos jornalistas levanta uma série de questionamentos sobre o assunto. Qual a influência desses jornalistas na

¹ Aluna do segundo ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo. Email: brunalvesteixeira@gmail.com.

² Aluno do segundo ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo. Email: viniciusarthursantos@gmail.com.

³ Orientadora, doutora em Ciência da Comunicação, mestre em Sociologia, bacharel em Jornalismo e professora do curso de Jornalismo da UP. Email: elzaap@hotmail.com

formação da opinião do público em geral em relação à política, economia e situação do país? Desferir críticas e não expor soluções não é só uma forma de chamar atenção e buscar uma escalada na profissão? Onde vão chegar tais profissionais e quais riscos correm fazendo isso? O objetivo desse trabalho é tentar buscar respostas para esses questionamentos ou, ao menos, caminhos para que essas perguntas se tornem mais claras.

Palavras-Chaves: Jornalismo, Opinião, Ética, Argumentação, Observação

1. O Caso do menino amarrado ao poste

1.1 Rachel Sheherazade

No dia 04 de fevereiro do 2014 aconteceu um caso de linchamento e cárcere privado no estado do Rio de Janeiro. Um menor foi acorrentado à um poste por um grupo de pessoas e sofreu vários tipos de agressão durante o período em que esteve amarrado. O caso ganhou repercussão nacional quando a jornalista e âncora do jornal do SBT, Rachel Sheherazade, utilizou o seu espaço de opinião pessoal para falar do assunto.

Rachel é conhecida por suas opiniões fortes e muitas vezes polêmicas, como no caso onde falou dos problemas do carnaval (no período, ela ainda trabalhava em uma sucursal do SBT na Paraíba). Boa parte de suas críticas são associadas as suas preferências políticas, pois ela é de direita, ou conservadora, o que faz com que seu olhar sobre vários casos seja diferente de boa parte da imprensa, que tem raízes fortes nas políticas de esquerda.

Philippe Breton, em seu livro “A argumentação na Comunicação” (2003), traz várias lições e uma delas será essencial para o entendimento da abordagem do assunto: “Desde quando o homem pratica a argumentação? Estaríamos tentados a dizer: desde que comunica.” (2003:21). Partindo desse ponto tentaremos analisar a forma com que Rachel comenta o caso acima citado.

Logo na abertura de seu discurso, a jornalista se utiliza de termos pejorativos para definir o menor preso ao poste. “O marginalzinho amarrado ao poste...”, é assim que ela se refere à vítima do crime. Por mais que o grande público não conheça o rapaz, a partir do pensamento da jornalista constrói-se uma imagem do menor. A ficha criminal de moço pouco importa no caso, pois nesse momento ele era a vítima, mesmo que isso seja ignorado por Sheherazade.

O ponto da ficha criminal do rapaz é a sequência do discurso. “... preferiu fugir antes que ele mesmo acabasse preso, é que a ficha do sujeito é mais suja do que pau de galinheiro...”. Induzir o pensamento do ouvinte ou do leitor se enquadra em algo que Perseu Abramo identifica como Padrão de Indução. Em seu livro *Padrões de manipulação de mídia*(2003) ele afirma que “o leitor é induzido a ver o mundo não como ele é, mas sim, como querem que ele o veja”(2003:33). Rachel não mostra em nenhum momento a realidade do caso, até por que isso seria quase impossível, dado o fato de que ele tinha ocorrido um dia antes e não havia tempo para que houvesse investigação ou apuração de mais informações. Duas frases ditas em apenas quinze segundos de vídeo, a impressão criada sobre o jovem destrói qualquer chance de defesa: o povo já tem o seu Judas a malhar e um culpado sem que um júri assim decidisse.

Entramos aqui no campo ético do discurso. Mostrar a realidade é princípio básico do jornalismo, por mais que isso seja um trabalho a ser muito elaborado e pensado. Perseu Abramo acredita que praticamente todo o jornalismo tem construção na base da opinião já que muitas são as bases subjetivas do exercício do jornalismo. A única base que realmente não passaria por algum julgamento baseado em ações é a *objetividade*, já que Neutralidade, imparcialidade, isenção, honestidade estão todas vinculadas ao comportamento do jornalista ou grupo jornalístico(2003:37).

Uma das primeiras lições ensinadas nos cursos de jornalismo fazem referência a impossibilidade da real objetividade, pois escolher uma notícia ou outra a ser colocada no jornal é parte de um senso do jornalista. Se há uma escolha, há um julgamento prévio do que é considerado mais propício a repercussão ou não. O discurso de Rachel continua de forma ainda mais pesada, quando ela começa a se utilizar de uma forma de argumentação muito forte: os dados, que segundo Breton, pode ser caracterizado pelo argumento da competência(1999:80). Eles trabalham como ponto imperativo do discurso, “apelando” para o argumento da autoridade. Ligar alguém intocável ou que seja referência no assunto valoriza sua construção argumentativa, nesse caso, a utilização dos números dá “poder” ao texto de Rachel, pois, no geral, grande parte da população não é instruída a entender e interpretar as estatísticas.

Talvez a maior vitória do discurso de Sheherazade seja na sequência de sua argumentação. Ela utiliza um termo que elimina qualquer acusação possível de incentivo à violência, “... a atitude dos vingadores é até compreensível. O estado é omissivo, a polícia desmoralizada, a justiça é falha, o que resta ao cidadão de bem que ainda por cima foi desarmado? Se defender é claro”.

Nesse momento ela utiliza de várias armas da argumentação que Breton apresenta como os apelos aos pressupostos, valores e opiniões comuns (1999:84-86). A realidade brasileira é permeada por violência e descaso do estado, isso é visível no cotidiano do brasileiro, e assim, falando para o grande público, ela ganha a confiança do ouvinte, pois o discurso dela é baseado na “verdade”.

Aqui se abre um espaço para o pensamento sobre a verdade. Perseu Abramo trata desse assunto como a possibilidade de objetividade jornalística (2003:41). Seria possível alcançar esse ponto? Ele acredita que não, porém ele mesmo acredita que a prática jornalística deve ser com o máximo de objetividade possível, afim de não criar manipulação involuntária ou mesmo um erro em relação aquilo que está sendo reportado. O jornalismo brasileiro sempre foi carregado de opinião, desde o início, mas isso não justifica carregar fardos antigos para dar muletas a erros novos.

O final do texto dito por Rachel foi o que causou maior polêmica e fez com que o vídeo se tornasse um viral na internet. “E aos defensores dos direitos humanos que se apiedaram do marginalzinho preso ao poste, eu lanço uma campanha: faça um favor ao Brasil, adote um bandido”. As declarações da jornalista nunca foram as mais sutis, mas deve-se admitir o fato de que ela tem vasto conhecimento sobre retórica e argumentação. As falhas morais ou éticas do discurso são discutíveis, mas sua capacidade de envolver o ouvinte e fazê-lo acreditar no que é dito é digna dos grandes oradores.

A forma com que todo o discurso é feito, atrelado ao tom de Sheherazade, carregado de raiva e sua forma firme de falar acabam por construir sobre o caso do menino no poste a impressão de que ele fosse um bandido de alto nível. Rachel sabe como fazer isso, pois sabe o público que ouve sua mensagem e faz um enquadramento do real muito fechado, deixando parte da realidade de lado. Abramo definiria isso como a manipulação da informação na forma mais pura, pois desconstrói uma história e a refaz com os pontos de argumentação que deseja, que nem sempre deveriam estar ali. Porém devemos lembrar do que diz o escritor francês ainda no início do seu livro: “Argumentar é raciocinar, propor uma opinião aos outros dando-lhes boas razões para aderir a ela”(BRETON,1999:26)

1.2 Paulo Martins

Pouco depois do caso outro jornalista, que ganhou espaço recentemente na grande mídia, teve seus segundos de atenção, num comentário semelhante

ao de Rachel, ao menos em sua construção. Paulo Martins é jornalista da Rede Massa, filial do SBT no Paraná, e por suas ideias conservadoras e de direita comentou a sequência do caso, no caso a soltura do menino.

Paulo, tal qual Raquel, ganhou notoriedade com opiniões fortes, primeiro em seu estado e depois alcançou repercussão nacional. As técnicas utilizadas por Martins são semelhantes às de Sheherazade, pois apela para conhecimentos e opiniões públicas, ou comuns, para se valer convencer. “Várias passagens pelo ‘sistema’, uma vez preso a um poste pela própria população e ele tá aí, de volta ao crime, é um menor, mas isso também acontece com maiores”, assim Paulo abriu o seu comentário no dia 21/02/2014, em torno de duas semanas após a primeira grande notícia sobre o menor em questão.

Martins frequentou também uma boa escola de retórica e apresenta seus argumentos de forma clara e incisiva. Ele apresenta o caso como Rachel fez anteriormente, criando essa persona de um bandido novamente sobre o menino, que verdadeiramente não tinha a ficha limpa, mas ela é aumentada no discurso. Um caso simples do acima citado Padrão de Indução.

“Até que ponto devemos tratar casos assim como: o garoto que comete erros? Como, gente que não sabe o que está fazendo”. Nesse trecho, o jornalista nos tira um pouco do foco de construção do argumento, mas nos leva para o campo da oralidade, pois seu discurso ganha tons de ironia bem altos. Isso não é necessariamente, segundo a visão dos autores uma característica do argumento, mas sim a forma de apresentá-lo ao público.

Martins, que sempre foi uma voz crítica ao nosso governo não perdeu a oportunidade de incluir os mandatários em seu texto. Ele cita “... No Brasil o criminoso é sempre é tratado como vítima de alguma coisa, ou vítima da exclusão, **do capitalismo, da ausência de políticas estatais...**”(Grifos nossos). O professor Emerson Castro Firmo da Silva, num artigo realizado sobre a mesma temática deste, no ano de 2003, fala brevemente sobre a forma de construção do argumento:

“Ao “construir” a opinião, conforme as necessidades e intenções do opinador se tem, em comum, independente do gênero, a necessidade de buscar uma base de apoio. Sem essa base, por vezes utilizada até de forma inconsciente, o jornalista não teria ponto de partida em seu trabalho de “erguer” uma argumentação. Enfim, de opinar e convencer o leitor sobre essa opinião. Exceto na hipótese, aqui completamente desconsiderada, de admitir-

se uma base retórica, interessada no convencimento a qualquer preço, capaz de utilizar do sensacionalismo para obter resultados eficazes”(DA SILVA, 2003).

A coerência entre opinião e argumento é essencial para a construção do argumento, pois se você foge disso cai no campo da demagogia, e a função do jornalista não é agradar, ao menos em sua essência. Paulo prossegue dizendo que a possibilidade de vida no crime é uma escolha, pois as pessoas têm a possibilidade de escolha e aqui ele também usa de apelo emocional e, quiçá, infundado: “Não há bandidos nas altas classes”. Ao usar essa frase, Paulo se perde na sua construção e utiliza a definição de bandido para casos pequenos ou aparentemente levianos, e ignora todas as falhas de conduta das altas classes brasileiras. Bastaria olhar nos dados da Receita Federal e observar o nível de sonegação. Num país onde quem ganha trezentos reais é classe média, base de cálculo do governo, até mesmo as “leviandades”, são crimes de “ricos”.

Por último, Martins referencia o que disse a jornalista Rachel Sheherazade. “É indispensável que entendamos isso, porque aquele que fez a opção pelo crime, o único caminho que a sociedade pode lhe oferecer é a cadeia. Esse, não adianta passar a mão na cabeça, não adianta nem mesmo, levar pra casa”. Assim Paulo fechou sua crítica sobre a reincidência criminal do menor detido menos de um mês antes. Paulo não é inexperiente e sabe muito bem utilizar o pilar “Orador-Argumento-Auditório”(BRETON,1999:29). Ele sabe para quem fala, um cidadão indignado com a situação de seu país: sabe como fala, pois tem um argumento de fácil aceitação e sabe falar, coisa que é essencial para que o argumento e opinião sejam levados a sério.

2. Manifestações

Junho de 2013 foi marcado pelas manifestações que tomaram as ruas do país, todas as mídias noticiaram os acontecimentos, o assunto foi manchete de inúmeros jornais, inclusive foi noticiado pela mídia estrangeira, como a BCC e El País. Por muito tempo a população brasileira se manteve quieta. Em junho a população retornou às ruas em todos os cantos do país para manifestar por melhorias políticas no Brasil. Pessoas em outros países também realizaram passeatas, em apoio à nação de origem. O estopim para sair às ruas foi o aumento da tarifa do transporte público, depois a saúde, educação de

qualidade, combate a corrupção e combate aos gastos excessivos para o Mundial de 2014. Algumas das grandes mídias e pessoas públicas taxaram a população como “um bando de baderneiros”, outros equívocos da parte de comentaristas também se tornaram virais. Para este período, faremos a análise de quatro casos.

O discurso argumentativo pode ser reduzido teoricamente a “ser somente um comentário de um texto, em buscar de uma lógica universal (...) é necessário dar a este termo um sentido mais preciso e restabelecer, mesmo que um pouco artificialmente, fronteiras para distinguir, do ponto de vista da comunicação e de sua intencionalidade, as ações humanas que visam fazer partilhar uma opinião, das ações que buscam informar, seduzir... ou ainda não dizer nada” (BRETON, Philippe. 1999 p.60)

Seguimos essa lógica para qualquer argumentação, o que muda na TV é que as opiniões são dadas conforme as pautas do dia a dia. Normalmente o repórter já tem o senso de fazer uma reportagem mostrando um discurso convicto de que sabe o que está falando, o que sempre ocorre nos discursos televisivos de opinião, uma vez que o comentarista se habitua ao fato e constrói uma lógica para, em horário nobre, informar e convencer o telespectador de que seu discurso é fundamentado. Aos casos:

2.1 Vaia a presidenta Dilma Rousseff na abertura da Copa das Confederações

"(risos)... Eu to rindo porque eu adorei, eu to gostando dessa manifestações, mobilizações, aí vai lá no estádio construído com dinheiro público, caríssimo, superfaturado, claramente superfaturado, com um dinheiro que poderia ser investido numa série de outras coisas, coisas que o Brasil realmente necessita, estava lá, lotado, presente Joseph Blater, um dos maiores corruptos do mundo, esse sujeito presidente da Fifa, uma das entidades mais corruptas do mundo, que dissemina a corrupção pra todo lugar, a Copa é um grande evento que mobiliza, movimenta e promove a corrupção. Dilma Rousseff do seu lado, vai Joseph Blater tentar dar um pito no povo brasileiro, toma uma sova.... (risos) (...) brasileiro parece que perdeu a vergonha, brasileiro vai a rua e vaia a Dilma.” (Paulo Eduardo Martins, Junho de 2013 - Jornal da Massa - SBT)

Paulo abre o debate no programa rindo, debochando, pois seu posicionamento político é claro: ele é contra o PT. Um comentarista de direita e conservador. Neste caso, Paulo Martins não se utiliza de muitos argumentos

para convencer o público, basicamente faz uma crítica aos gastos para o Mundial e é favorável à vaia que Dilma recebeu. No entanto, ele comete um erro grave em seu discurso ao acusar o presidente da Fifa, Joseph Blatter, de ser corrupto “*um dos maiores corruptos do mundo*”, assim como acusa a Fifa de ser um grupo corrupto “*uma das entidades mais corruptas do mundo, que dissemina a corrupção para todo lugar, a Copa é um grande evento que mobiliza, movimenta e promove a corrupção.*” Neste discurso, Paulo fere a honra objetiva de ambos, ele comete uma violação ética que podemos chamar de calúnia.

2.2 Passe Livre

“O modelo que está chegando, com todo mundo cedendo essas pressões aí dos movimentos organizados, vai ser o seguinte: a empresa vai continuar ganhando, ela investe x e vai receber $x+1$ no final, se não ela não vai investir. Ela pega o dinheiro e coloca no banco, pra que vai ficar gerenciando um monte de ônibus, funcionário, tomando ação trabalhista e enfrentando um monte de problema? O investidor simplesmente deixa o dinheiro no banco. Ele vai ter que ter um retorno garantido, isso é praxe. Aí ficam pressionando “faz tarifa zero”, a prefeitura vai pegar, o governo, enfim, o poder público vai pegar o dinheiro de outra coisa, de impostos, vai aumentar imposto, e vai garantir o retorno das empresas normal, no delas não vai mexer, e a carga tributária vai subir pra todo mundo, é só isso que vai acontecer. Não tem milagre no negócio. (Em tom mais agressivo) O ônibus pra andar custa dinheiro, se você não paga pra andar, alguém vai ter que pagar, os que não estão andando vão ter que pagar. O nível de debate que o país chegou é de uma estupidez horrorosa. É questão de ser bonzinho e dar o passe livre, ou ser maldoso e ser contra o passe livre. Tá demais pra mim!” (Paulo Eduardo Martins, Junho de 2013 - Jornal da Massa - SBT)

Em inúmeros discursos de Martins, como este, ele se apropria de uma explicação prática e realista, para depois expor seu posicionamento de forma fundamentada. Ele informa e polícia o telespectador de como as empresas e investidoras funcionam e evidencia que elas querem um retorno financeiro, e para elas não importa quem irá dar esse retorno. E explica, se o passe for livre quem vai bancar será os que não usam o transporte público, uma lógica capitalista, pois o retorno das empresas será implantado nos juros. E no final, denomina o debate como uma “estupidez horrorosa” em tom ofensivo. Paulo

utiliza dessas informações, e lógica fundamentada, para convencer ao público de que é inviável pedir o passe livre. Como já citaria Breton, argumentar também é “globalmente, mais comunicar, dirigir-se ao outro, propor-lhe boas razões para ser convencido a partilhar de uma opinião” (BRETON, Philippe. 1999 p.64)

2.3 Manifestações em todo o Brasil: A mudança está nas urnas

“Uma Babilônia de tribos, multidões de insatisfeitos. No calor de tantos anseios, a questão das passagens vira uma questiúncula, emergiram revoltas mais profundas e mais legítimas, contra a violência, contra a corrupção, contra o desperdício do dinheiro público na Copa, apesar do oportunismo de rebelde sem causa, e bandeiras sem escrúpulos surgiram outras bandeiras apartidárias que diziam que está tudo errado, e está mesmo. A revolta é um recado claro aos poderosos que regem o país, que dela se lembrem os governáveis, os presidenciáveis. Lembrem-se do poder das massas, mas lembrem-se vocês também revolucionários, numa democracia todo o poder emana do povo e o maior poder de transformação social está no voto. Gritem também nas urnas essa indignação.” (Rachel Sheherazade, Junho de 2013)

Rachel Sheherazade inicia seu discurso contextualizando a situação do país, “*multidões de insatisfeitos*” (...) “*emergiram revoltas mais profundas e mais legítimas, contra a violência, contra a corrupção, contra o desperdício do dinheiro público na Copa, apesar do oportunismo de rebelde sem causa, e bandeiras sem escrúpulos surgiram outras bandeiras apartidárias que diziam que está tudo errado, e está mesmo.*” Mas, para Rachel, não é só ir às ruas, a população não precisa literalmente “gritar nas urnas”, mas fazer a diferença votando, pois é só escolhendo os políticos corretos que mudaremos a situação política atual. Ela seduz o telespectador no momento que enfatiza o poder do povo, em que concorda com a parte legítima dos protestos e constrói um incentivo maior “*o maior poder de transformação social está no voto*”.

2.4 Manifestações em todo o Brasil:

“Mas afinal, o que movimenta um ódio tão grande contra a cidade? Só vimos isso quando a organização criminosa de São Paulo queimou dezenas de ônibus, não pode ser por causa de R\$ 0,20 centavos. A grande maioria dos manifestantes são filhos de classe média,

isso é visível, ali não havia pobres que precisassem de vintéis não, os mais pobres ali eram os policiais apedrejados, ameaçados com coquetéis motolov, que ganha muito mal. No fundo, tudo é uma imensa ignorância política. É burrice misturado a um rancor sem rumo. Há talvez a influência da luta na Turquia (...) Mas aqui, se vingam do quê? Justamente a causa deve ser a ausência de causas. Isso, ninguém mais sabe sobre o que luta., E um país paralisado por uma disputa eleitoral para daqui um ano e meio. O governo diz que está tudo bem, apesar dos graves perigos no horizonte, como inflação, fluxo de capitais, juros e dólar em alta, por que não lutam contra a PEC37? (...) Esses caras vivem no passado de uma ilusão, eles são a caricatura violenta da caricatura de um socialismo dos anos cinquenta que a velha esquerda ainda defende aqui. Realmente, esses revoltados de classe média não valem nem 20 centavos.” (Arnaldo Jabor, Junho de 2013 - Rede Globo)

Jabor compara os manifestantes a organização criminosa de SP, e neste caso também é um erro ético, a injúria. E justifica “a causa deve ser a ausência de causas” com tantos problemas e pautas levadas para rua em junho, Jabor questiona o conhecimento político dos manifestantes e sugere uma nova pauta, a PEC 37 que foi derrubada no Congresso depois dos protestos. Depois desse discurso, em comentário da CBN, Arnaldo Jabor reconhece que errou ao taxar a população como “irresponsáveis fazendo manifestações só por R\$ 0,20 centavos”. E passou a acreditar na legitimidade dos protestos e que talvez, com esse tipo de “bagunça”, as coisas mudem no país. Isso nos mostra, que apesar do discurso convicto, as pessoas podem voltar atrás. Seu discurso argumentativo não convenceu nem a ele próprio.

Conclusão

“Saber argumentar não é um luxo, mas uma necessidade. Não saber argumentar não seria, aliás, uma das grandes causas recorrentes da desigualdade cultural, que sobrepõe às tradicionais desigualdades sociais e econômicas, reforçando-as? Não saber tomar as palavras para convencer não seria, no final das contas, uma das grandes causas de exclusão? Uma sociedade que não propõe a todos os seus membros os meios para serem cidadãos, isto é, para terem uma verdadeira competência ao tomar a palavra, seria verdadeiramente democrática?” (BRETON, Philippe. 1999 p.60)

O que pode se questionar nesses discursos, é a ética do comunicador social. Se a cada frase dita ele está sendo imparcial em questões políticas, ou se ele só está construindo seu discurso para agradar a esquerda ou a direita. Se o seu objetivo é clarear as informações de construção política do cidadão ou evidenciar a tendência do seu discurso. É importante para as empresas de jornalismo darem espaço a todas as vozes, não apenas para suprir interesses políticos, e sem duvidar da bagagem cultural de cada comentarista, “O jornalista deve ter uma formação cultural sólida e tem que saber muito bem algumas coisas. Ele deve saber história, saber como funciona seu país, a máquina do país, as relações na sociedade” (ABRAMO, Perseu. 1988 p.249) pois além de jornalista, ele é responsável pela formação da opinião pública que irá encontrar nele uma educação política.

E mesmo com opiniões fortes, como é o caso do Arnaldo Jabor sobre as manifestações, o comentarista, cidadão, jornalista, pode voltar atrás com seu discurso, isso prova que o que é dito, não é uma verdade absoluta, mas um ponto de vista, a argumentação é subjetiva. Rachel e Paulo foram, nas palavras de alguns, censurados por seus discursos reacionários e contrários a opinião dos grandes pensadores e mestres de comunicação do Brasil. O jornalismo brasileiro atual foi forjado durante a ditadura, e o discurso de direita vindo de um profissional de comunicação pode soar assustador para os mais antigos e todos aqueles que não estão bem informados sobre o assunto. No final de seu livro, Philippe Breton resume de forma simples uma das maneiras, talvez uma das mais simples, de se pensar o jornalismo opinativo:

“a argumentação não pode ser reduzida a uma técnica e necessita de pilares éticos: a liberdade de aderir à opinião proposta, a autenticidade dos argumentos usados e a relatividade das ideias que defendemos, que são, no final das contas, apenas opiniões.” (Breton, 1999:176)

Referências

ABRAMO, C. A regra do jogo, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1988.

ABRAMO, P. Padrões de manipulação de mídia, Editora fundação Perseu Abramo, 1996

BRETON, Philippe. A argumentação da comunicação. São Paulo: EDUSC, 1999.

DA SILVA, Emerson Castro Firmo. Jornalismo Opinativo, Ética e Democracia. A importância da opinião no Jornalismo Para o Aprimoramento Democrático: Artigo. Curitiba: Unibrasil, 2003.